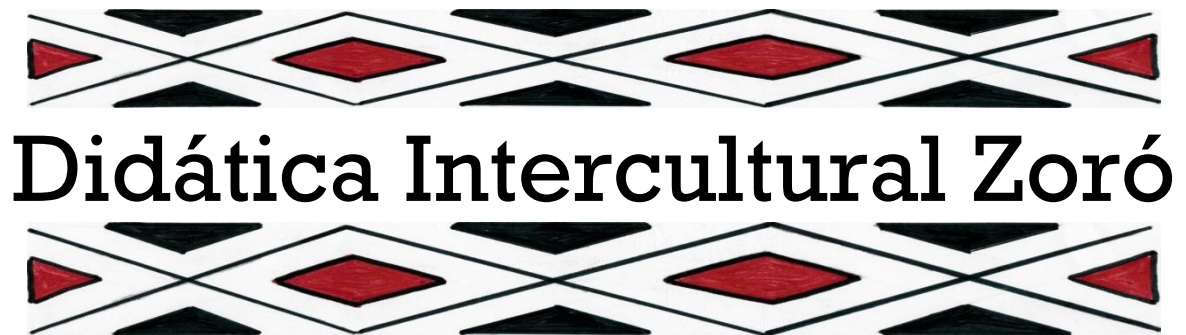


Agnaldo Zawandu Zoró



# Didática Intercultural Zoró

Agnaldo Zawandu Zoró



Pangyjěj makubé anã te tasa  
ata kinã mene ikine dé mi<sup>1</sup>



Ji-Paraná-RO-2022

---

<sup>1</sup> Ensinar o Povo Zoró a partir daquilo que conhecem tendo em vista a ampliação do conhecimento intercultural.

Escola Zawã Karej Pangyjêj



Fonte: Arquivo (APIZ, 2012).

### Professor e Professora do Povo Zoró

Este Produto Educacional foi preparado para auxiliar no processo didático nas escolas indígenas. É o resultado do estudo “Didática Zoró – em busca de um planejamento crítico, intercultural e interdisciplinar nas escolas *Pangyjêj*”, realizado no Curso de Especialização em Educação Escolar Indígena, ofertado pelo Departamento de Educação Intercultural (DEINTER) da UNIR, sob orientação da Professora Dra. Josélia Gomes Neves.

A formação inicial docente na Educação Escolar Indígena tem sido tratada pelo Poder Público como suficiente, como se apenas ela bastasse para um bom trabalho em sala de aula. Observo que não há uma preocupação com a formação continuada – que em meu entendimento representa um meio de atualizar os conhecimentos docentes, redefinir o currículo e as aprendizagens necessárias a nova geração.

A partir destas considerações é que propomos este material que surgiu da necessidade observada no início de minha atuação em sala de aula. Eu tinha muita insegurança para ensinar, pois havia estudado só até a 6ª série do Ensino Fundamental. Além disso, em 2017 quando assumi a direção da Escola Estadual Indígena Zawã Karej Pangyjêj ao fazer o acompanhamento de rotina dos trabalhos pedagógicos também pude observar a necessidade de criar suportes para contribuir no trabalho docente.

Tenho observado que há uma preocupação na produção de material didático para contribuir nas aprendizagens de estudantes indígenas. Isso é muito bom, mas é necessário também propor materiais para os professores e professoras. Vamos apresentar alguns exemplos e sugestões, mas a proposta deste documento não é para ser copiado, mas sim repensado o que exige reflexão para que assim possa cumprir as suas finalidades.

Agnaldo Zawandu Zoró.

## Escola Zawã Karej Pangyjêj



Fonte: Arquivo (APIZ, 2012).

*Pama kubaj sande Pangyjêj nã majã.*

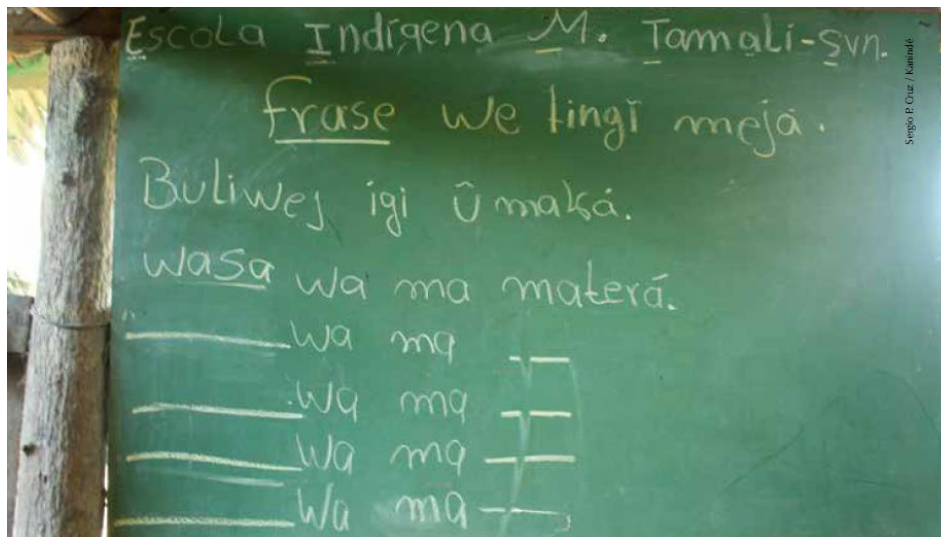
*Ã sep anga pambere amba katap sep nã pali panema kubaj makubá gyja lia man sep nã. Enekuj sep mã awe manga Curso de Especialização ká, departamento Intercultural UNIR ká, pama kubat Dr Josélia Gomes Neves tá.*

*Enekuj zawijajej angena ajyt we sande zarej pare nã pamakubé nã mene kaj ji tere te alej pare supup senã kanzera, am tanga tama kubaj makubé kaj angue tá zarej kaja. Ebu unga ewe ikiné nã am te ewe sa pangaj kinã meneka ungue ta we kaja, enekuj pamakubaj angenã tyryté ama kubá la ki nãliã, pali mawe kuru kaj pangubá bywej makubé nã mene ká. Ena mene ka unga ungue ta ewe kaja. Û im kuru ka mã gulua tere bere kalé puj ikini bywej makubé kaja, am zarej anga amakuba de mi a ï pangu sep tingij nã, ewe mi mã bere kalé puj ikini uma kubá um wade pamakubat nã meneã baka mene ká, tenza wemiã li niã mã gulua bere tá.*

*Ebu mã epi 2017 kawu mi gusep tingêj pare kajpat sawijaj nã Zawã Karej ka mangá, man ka buma we sagyt ka zali gusep tingêj pere kalé ikini gulua. Ebu mena pamakubap sep manga bu tenza mene kaj bere wepeá. Gulua panga pangue sep maki kala pama kubap sep nã.*

*Ebu panga anka pama kubap sep manga wande man sep ikiniã, enã panga pama kubá mene panã we anga pangaja. Pambere amba katá sep anga ena bu te panzena pamakubá mene kaja.*

Agnaldo Zawandu Zoró.



Fonte: Arquivo (APIZ, 2012).

### Pambere wepé pama kubé kaj mene<sup>3</sup>

Tyryte panga pambere wepea pambare maki kaj ana tenza we manga li nia mena kaja, me kala tenza we manga lia nia mene kaja.

We ixu: Mam gap kata weambaka panga me kala tenza kap kata li nia mene kaj pambere wepea, ena panga we maki weambyt pambere wepea.

Mene mi te bu pangusep tingij ma pé maki angená. Pama kuba weambaka pangusep tingij anga apere wepea anwe kaj tenzena alej makuba li kiná mene kaja.

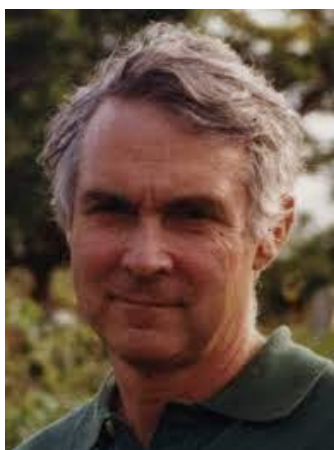
Ena mene parat anga pama pé maki jali gyja mene ká, panema kubaj jali akuba mene ka enatea, etigi de panza gyja pambere wepea de mi tere tama kubá kia.

<sup>2</sup>Desenho produzido por Agnaldo Zawandu Zoró.

<sup>3</sup> Este texto trata de uma escrita explicativa em língua Panyjêj, uma aproximação da discussão acima a respeito do planejamento didático veiculado em língua portuguesa. O objetivo de escrever na língua indígena está fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9394 de 1996, que estabelece a Educação Escolar Indígena Específica, Diferenciada, Intercultural e Bilíngue. Outra razão é o fato que este material poderá ser utilizado como recurso pesquisa da escrita da língua e também como forma de valorização cultural e afirmação étnica.



## 1. CICLO DE VIDA PROFISSIONAL DOS PROFESSORES E PROFESSORAS

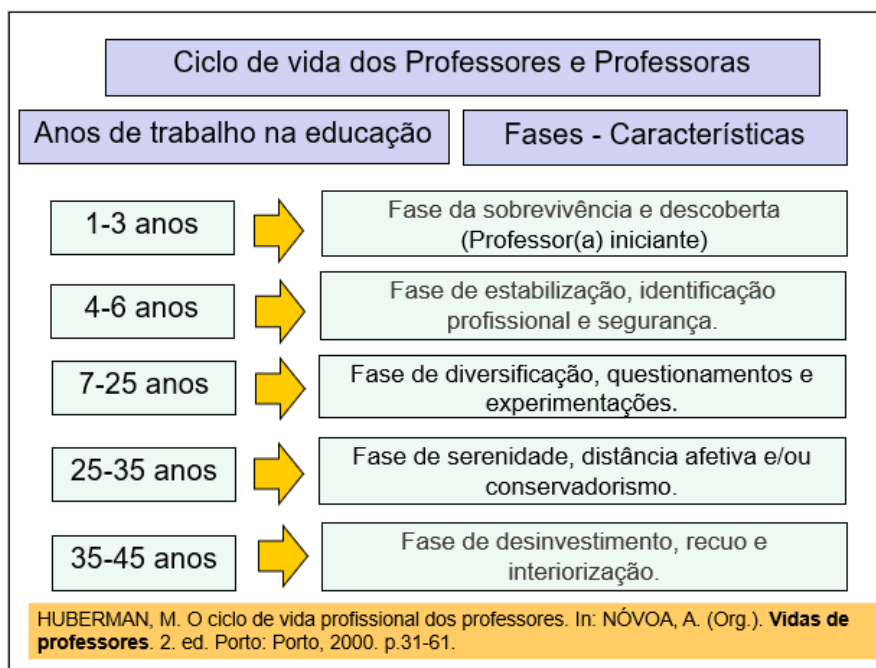


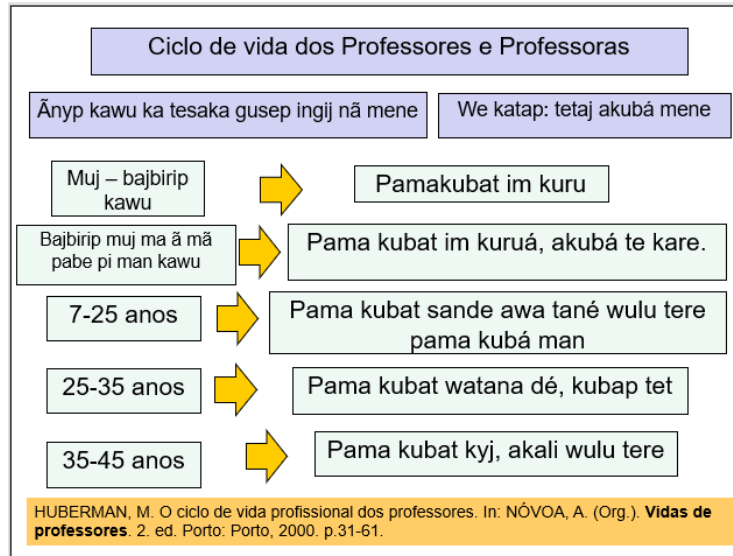
De acordo com Michael Huberman (2000) a carreira docente pode ser caracterizada por diferentes fases de atuação: entrada, estabilização, diversificação, serenidade e desinvestimento que podem ter especificidades considerando os diversos contextos culturais.

*Enekuj Michael Huberman (2000) anga pamakubaj sande pama kubá mene panã, pamakubat im kuru, pamakubat im kurua, pamakubat im kyj, pamakubat kyj*

☐ Mas, será que essas fases acontecem entre as docências indígenas?

☐ Te ena mene sa zarej sande pamakubaj nã mãj kaja ?





*Pali pamakubat Embusã jande a im kuru ka mene pana mene ikiniã:*

Leia o relato do Professor Francisco Embusã Zoró sobre suas preocupações no início da carreira docente:

*“[...] Bala mã bere kalé ikini gusep tigij nã ù im kuru ka uma kubá um wade mene kã”.*

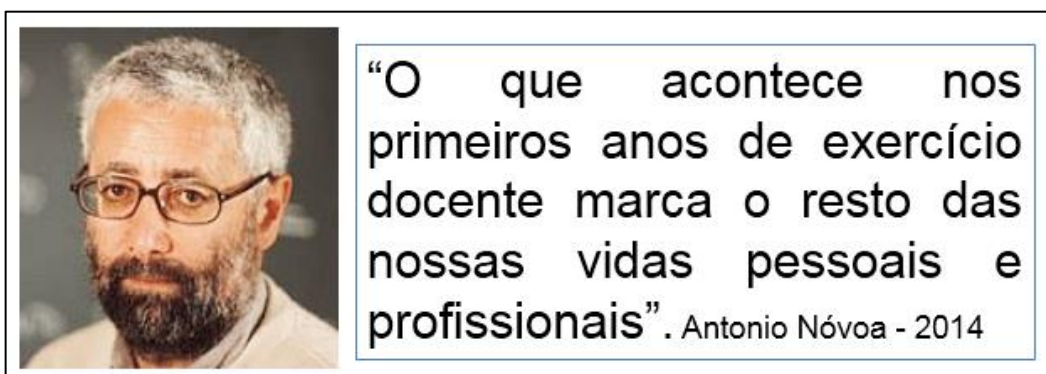
*“[...] A minha primeira dúvida, surgiu quando iniciei o meu trabalho em sala de aula porque eu não tinha nenhuma formação na área. Não sabia como dar aula, mas os outros colegas de trabalho que tinham mais experiências que eu me ajudaram nas minhas dúvidas e na preparação de planos de aula. A segunda dificuldade foi quando a minha comunidade me indicou para ser professor, não tinha nenhuma noção por onde começar, mas procurei outras pessoas para me ajudar. A terceira dúvida era não saber determinados conhecimentos [...]”<sup>4</sup>.*

Entrevista com docente indígena



Fonte: Agnaldo Zawandu Zoró (2021).

<sup>4</sup> Entrevista realizada por Agnaldo Zawandu Zoró em setembro de 2021 na Terra Indígena Zoró, município de Rondolândia, estado do Mato Grosso.



*Jina gulua tere pama kubat kuru pere kaléangá,awekaj tenzena tama kubá li niã mene kaj anga anguê tá, anã tenzena we manga li niã mene kaja. Tenza wemi tere we tingiã li niã mene kaj anga anguê tá. Ebu anga ena man pi akubá apaxynëj pamakubaj kÿj piá.*

Assim são muitos os desafios do **professor ou professora iniciante**: definir os conteúdos o que exige estudo e pesquisa dos assuntos, organizar como irá trabalhar (perguntas, ditados, leituras, por exemplo), ter segurança para escrever palavras em língua indígena ou em língua portuguesa e outros. Estas dificuldades iniciais podem ser superadas com a colaboração de seus colegas docentes.

**Para ler e refletir:** “Os **professores iniciantes** necessitam possuir um conjunto de ideias e habilidades críticas, assim como capacidade de refletir, avaliar e aprender sobre seu ensino de tal forma que melhorem continuamente como docentes. [...]”. (GARCIA. 2010, p. 27).

**nova  
escola**

Formação

Endereço da página:

<https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-novoa>

Publicado em NOVA ESCOLA Edição 142, 01 de Maio | 2001

**Antonio Nóvoa:  
"professor se forma na  
escola"**



*Enekuj Huberman (2000) sande we panã mene mi pama kubat Embusã anga kÿj nã tereá, 30 kawu ka akali wulu tereá, gulua anga ena te panza pama kubá kinã mene we tá.*

De acordo com os escritos de Huberman (2000), Embusã Zoró pode ser considerado um professor experiente pois atua na Educação Escolar Indígena há quase 30 anos, esta fase é chamada de Serenidade caracterizada pelo acúmulo de conhecimentos construídos na profissão.

Ele aconselha o docente que está chegando na sala de aula a enfrentar os desafios: “[...] não tenha medo, o professor não pode pensar negativo, mas no decorrer da carreira vai crescendo como profissional. Isso eu falo por experiência, porque já enfrentei várias dificuldades [...]”. (EMBUSÃ ZORÓ, 2021, p. 1).

**Para ler e refletir:** “[...] os **professores experientes**, antes de introduzirem qualquer novo conteúdo, avaliam a capacidade de seus alunos em assimilá-lo, com a preocupação de sempre adaptá-lo às suas necessidades. Utilizam para isso a revisão de conteúdos ou a recapitulação de conhecimentos, por meio da conexão entre novos conceitos e as aprendizagens anteriores. (ZIVIERI NETO, p. 2009, 92).

O relato do professor Francisco Embusã Zoró contribui para pensarmos a Didática Zoró, nos ajuda a entender os sentimentos de um docente no início da profissão e o seu amadurecimento durante o processo.

Em um contexto intercultural o trabalho pedagógico também mostra que há especificidades que precisam ser consideradas: a responsabilidade de responder as expectativas da comunidade por causa da indicação para a sala de aula; as dúvidas quanto aos conteúdos ocidentais, caso da diferença entre as letras maiúsculas e minúsculas, por exemplo.

*Ãka Embusã anga gusep tingÿj ãp kuru kaj embere kalé abirika té ejalia tamatuá:”[...]jemi uwã liã, am panga tenza wemiã lĩ niã mene kaj panguẽ tá, ate tenza we manga li kinã té bu pangá.Ena wande bere kalé abirika mene ka ungena ena pangaja[...]”.(EMBUSÃ ZORÓ, 2021, p. 1).*

*Ebu Embusã kupalé tingim anga ena te gusep tingÿj sena apere kalap abipi akubá karea mene panã pangaja.Enekuj ména jabukuj we pati tere gusep tingÿj kaj busyrej anguẽ kaj tasande anema kubaj makubá mene ká.Ena mene supup tarande mi pambarej anga gusep tingÿj na ena pangaja.*



## 2. PLANEJAMENTO DIDÁTICO CRÍTICO, INTERCULTURAL E INTERDISCIPLINAR

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estuda, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe (FREIRE, 1996, p. 56).

Continuando a discussão, muitos professores e professoras quando iniciam seus trabalhos em sala de aula dizem que um dos primeiros desafios que enfrentam é a dificuldade de elaborar o planejamento didático: o que ensinar e como ensinar? Essa preparação didática inicial é uma das atividades fundamentais na docência.

*Ebu panga we kaj panzande panguẽ ta mene xipu mãká té ãká, enekuj gusep tingẽj ãm kuru anga gulua apere kalé ikini awe kaj tenzena tama kubá li kinã mene mnagé kaja, anã tenzenã tama kubá mene kaj enateá.*

*Enã mene kaj panzande panguẽ ta bala mene anga pama kubá gusep tĩngij na mene kaja.*

De acordo como *Referencial Curricular para as Escolas Indígenas* é o momento em que podemos refletir através de perguntas o que iremos desenvolver na sala de aula:

*Ebu referêncial curricular sande zarej kusep tingẽ panã mene anga enã mene kaj panga pambere wepea panẽ ma kubaj makubá we amba ká pangaja:*

“Ao desenvolver seu trabalho nas escolas indígenas, os professores [e professoras] têm que, diariamente, fazer escolhas e tomar decisões que exigem ações de planejamento, registro e avaliação.

- Que assunto vou trabalhar hoje com meus alunos [e alunas]?
- Os alunos [e alunas] vão estudar em grupos ou individualmente?
- Que tempo vou dedicar ao assunto escolhido?
- Vamos fazer pesquisa na aldeia ou a aula vai ser apenas dentro da sala de aula?
- Como vou avaliar o que os alunos [e alunas] aprenderam com essa atividade?” (BRASIL, 1998, p. 57).



**Exemplo 1:** No dia a dia, antes de fazer as coisas nos preparamos, pensamos o que iremos precisar para aquela atividade. Por exemplo, antes de viajar para a coleta da castanha pensamos sobre o que precisamos levar, o que iremos utilizar e assim nos organizamos para esta atividade antes de fazê-la para que possa ter bons resultados.

No trabalho docente não é diferente. Há necessidade de se preparar antes de entrar na sala de aula, esse preparo vai ser importante tanto para o nosso lado profissional e também para os estudantes, pois, vamos pensar, estudar e apresentar atividades mais adequadas que ajudarão em suas aprendizagens.

**Exemplo 2:** Para realização de uma aula sobre a Pescaria tradicional, o *Timbó Bolívéhj tagãe* - turma de 3º ano do ensino fundamental, é necessário organizar o seu planejamento que pode envolver a seguinte **sequência didática**:

- a) Dizer o que já sabe sobre o Timbó em uma roda de conversa (**levantamento de conhecimentos prévios**);
- b) Ouvir uma palestra sobre o tema por um sabedor da aldeia sobre as etapas da pescaria;
- c) Desenhar a parte que mais gostou da narrativa feita pelo sabedor;
- d) Escrever do seu jeito uma lista de 5 (cinco) palavras em língua indígena relacionada ao Timbó;


Tenho elaborado meus planejamentos assim:

- a) primeiro faço o **levantamento de conhecimentos prévios**<sup>5</sup> – perguntaria aos alunos o que já sabem sobre o assunto;

<sup>5</sup> “Significam os saberes que os alunos e alunas já têm quando chegam à escola. São muito importantes para o aprendizado. Na década de 1920, Jean Piaget identificou as estruturas mentais como condições prévias para aprender. [...]”. Adaptação da Revista Escola, março de 2011.

b) depois utilizaria os saberes dos próprios estudantes como ponto de partida para o desenvolvimento da aula, para assegurar a participação deles e para considerar o que já sabem (com isso evito ficar trabalhando o que já conhecem).

Mas, caso estes conhecimentos iniciais não tivessem relação com o tema, tentaria ver outros jeitos de trabalhar. Um aluno Zoró que estudou muito tempo na escola da cidade, por exemplo, pode responder que só existe a explicação do sistema solar na visão ocidental.



Sei que preciso problematizar essa forma de pensar, fazer uma intervenção e dessa forma ajudar o aluno ou aluna a avançar em seu conhecimento. Uma estratégia pedagógica seria convidar o Mestre da Cultura para conversar sobre a explicação mítica do Povo Zoró sobre o sol, a lua e as estrelas



Os temas que discutimos até agora são produzidos na área de **Didática**:

“Quando se fala de uma escola em que as crianças são respeitadas como seres humanos dotados de inteligência, aptidões, sentimentos e limites, logo pensamos em concepções modernas de ensino. Também acreditamos que o direito de todas as pessoas - absolutamente todas - à educação é um princípio que só surgiu [...] em pleno século 17 por Comênio (1592-1670), o pensador tcheco que é considerado o primeiro grande nome da moderna história da educação”. (FERRARI, 2008, p. 1). In: Revista Escola.



## Perguntas importantes sobre o Planejamento Pedagógico

Ana mene  
kaj tenza  
tama kubá?

Me kala  
tenza tama  
kubá ?

Ana mene  
ka tenza  
tama kubá?

Ana tenza  
tama kubá?

Mawe peregi  
panga  
pambere

Ana tepá  
tama kubá  
tuna mene

Planejar aulas exige  
responder as perguntas:

O que  
ensinar?

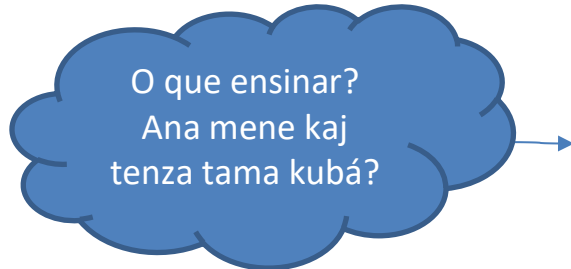
Por que  
ensinar?

O que vou  
precisar?

Como  
ensinar?

Como saber  
que ensinou?

Para responder estas perguntas vamos refletir um pouco sobre o que significam:



**Para ler e refletir:** “Conteúdos de ensino são um conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua vida prática. [...]. São expressos nos programas oficiais, nos livros didáticos, nos planos de ensino e de aula [...]”. (LIBÂNEO, 1991, p.128-129).

De acordo com Antoni Zabala (1998) os conteúdos podem ser: factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais.

## TIPOS DE CONTEÚDOS

Factual	Conceitual	Procedimental	Atitudinal
Nome da Terra Indígena Zoró	Sistema alfabético Mamífero	Ler Escrever Andar de bicicleta	Hábito de leitura Solidariedade
Memorização Repetir várias vezes	Compreensão Construção pessoal	Exercício Receber ajuda de quem já sabe	Vivências de valores

**Aprendemos coisas diferentes de diferentes formas**



**Exemplo de Conteúdo Factual: N° e data do Decreto do território**

Decreto nº 265, de 29 de outubro de 1991

Homologa a demarcação administrativa da Área Indígena Zoró, no Estado do Mato Grosso.

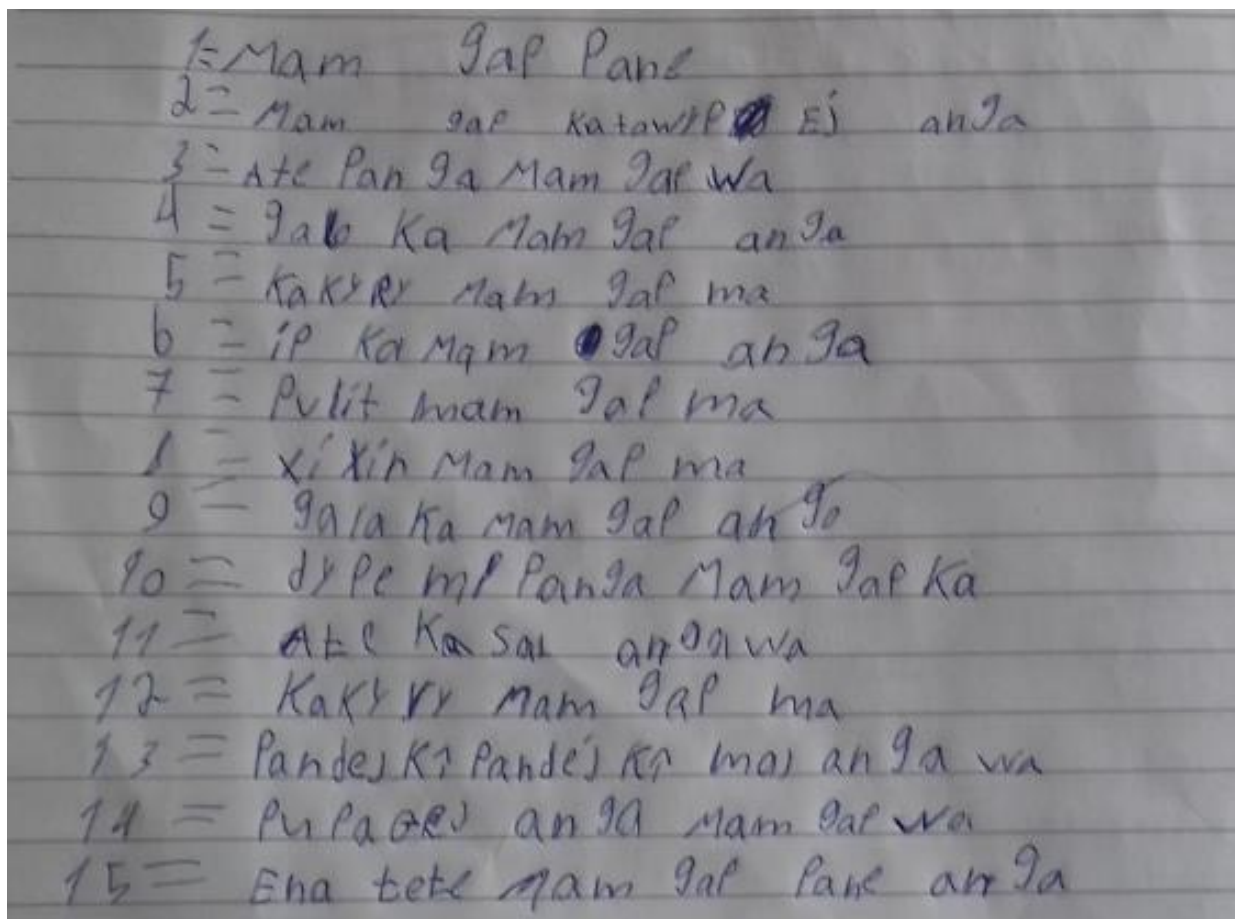
O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 19, § 1º, da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973,

DECRETA:

Art. 1º Fica homologada, para os efeitos do art. 231 da Constituição Federal, a demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, da Área Indígena Zoró, localizada no Município de Aripuanã, Estado do Mato Grosso, caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena, com superfície de 355.789,5492 ha. (trezentos e cinquenta e cinco mil, setecentos e oitenta e nove hectares, cinquenta e quatro ares e noventa e dois centiares) e perímetro de 304.399 m (trezentos e quatro mil, trezentos e noventa e nove metros).

Fonte: Acervo ISA<sup>6</sup>.

### Exemplo de Conteúdo Conceitual: Termos Numéricos



Fonte: Dados da Pesquisa.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/ZOD00052.pdf>  
 Acesso em: 20 dez. 2020.

## Exemplo de Conteúdo Procedimental: Leitura “Festa do Milho”

# Comemoração durante quatro dias

**Claudio Ferreira**

Foto: Inácio Cavalcante

Pintados de preto, a cor da festa, os Zoró passam quatro dias festejando a colheita do milho. Apesar da festa estar atrasada dois meses, a animação foi muita, mais por causa da reunião das várias tribos da região do Aripuanã do que pelo milho, propriamente dito. As comemorações atraem grande número de curiosos das cidades vizinhas e no pôr-do-sol geral, a festa tem mais branco do que índio. Para os índios Gavões, que também participam da festa, uma comemoração a mais: a transmissão do cargo do cacique da tribo — só o chefe Catarino e entra seu irmão Alberto.

O burburinho é grande nos quatro dias de festa, que ocorre na aldeia de Nova Colina, a dez minutos de avião (bimotor) de Ji-Paraná, em Rondônia. Os habitantes das redondezas, em sua maioria colonos gaúchos, catarinenses — paranaenses, vêm de todos os lados, para verem os Zorós, Arará, Suruí, Gavões, Cinta-Larga e Mequetê. Caminhões, pernas e ônibus trazem os curiosos que se encaixam com as redes, as casinhas de taipa e os micos amarelos com cordão e tratados como animais domésticos.

Para a transmissão de cargo dos Gavões, os Zorós matam duas vacas doadas pela Funai, um pouco selvagem e alguns jacarés, que serão dados como presente para o novo chefe da tribo. O ritual assusta um pouco os presentes, principalmente pela velocidade com que as flechas atingem uma das vacas, abatendo o animal em poucos minutos. O abate se dá na estrada de uma trilha de 4 Km que conduz à aldeia, pronta para receber o imenso grupo de visitantes. Sabe-se depois que toda esta transmissão de cargo, em que o chefe Catarino passa o comando para seu irmão Alberto e uma solenidade para seu filho mais velho, o novo cacique oficial, pois há seis meses o novo cacique já governa, enquanto que Catarino virou um procurador dos interesses dos índios da região junto à Funai.

Canto e dança sempre estão intimamente ligados com a imagem que se faz dos índios brasileiros e a Festa do Milho tem um pouco disso. Os homens mais jovens dançam no meio da aldeia, ainda não totalmente construída e tocam enormes flautas feitas de bambu. O canto



*Canto e dança também estão presentes na festa. Os homens mais jovens dançam no meio da aldeia*

Fonte: Jornal de Brasília, 26 de abril de 1987<sup>7</sup>.

## Exemplo de Conteúdo Atitudinal: Luta e coragem de Paiô Zoró

# Cacique Zoró não sai de Cuiabá sem uma solução

“A Funai não se mexe, não toma providências e o índio quer o invasor fora da sua terra, pois isto não custa nada e é rapidinho”. Foram estas as palavras ouvidas pelo superintendente da Funai em Mato Grosso, Cantídio Guerreiro, proferidas pelo cacique dos índios Zoró, Paiô, em seu próprio idioma. Esta é a terceira vez que os índios Zoró visitam a Funai, em Cuiabá, para exigirem que seja dado um ponto final na questão que envolve a tribo, que há mais de dez anos está vendo suas terras serem invadidas por colonos brancos, sem que até agora seja tomada uma providência.

Acontece porém, que o cacique Paiô acompanhado do cacique Catarino que representa as tribos Zoró, Arará, entre outras e por mais alguns companheiros — deixou bem claro que não sairá de Cuiabá, enquanto não ver um documento oficial assegurando que os posseiros que se instalam na Reserva 14 de abril, serão de uma vez por todas expulsos da região. Entretanto, o documento pretendido pelo Cacique Paiô ainda não

existe, pois o “grupo” (grupo interministerial que trata sobre a demarcação das terras indígenas) ainda não tem uma posição oficial e definitiva, para o caso.

Passados mais de quatro meses da primeira reunião do grupo que iria oficializar a demarcação das terras Zoró e consequentemente tirar os posseiros da área, os índios continuam preocupados, pois os posseiros continuam lá e não se efetivou a demarcação. Agora, o cacique Zoró insiste que ficará em Cuiabá e só retorna para sua casa, quando o problema estiver definitivamente solucionado.

### REUNIÃO

Pelo lado da Funai, o superintendente regional, Cantídio Guerreiro anunciou que o grupo deverá fazer um sobrevôo sobre a reserva 14 de abril para observar “in-loco” a situação econômica e social dos posseiros e que no próximo dia 19, deverá haver outra reunião do grupo interministerial para decidir o caso. Cantídio observou que a área Zoró não deve

ser diminuída, pois ele entende que as reservas indígenas devem funcionar também como reservas ecológicas. Na reserva 14 de abril, com mais 700 hectares, existem atualmente cerca de trezentos índios e 143 famílias de posseiros.

Fonte: Jornal de Brasília, 26 de abril de 1987<sup>8</sup>.

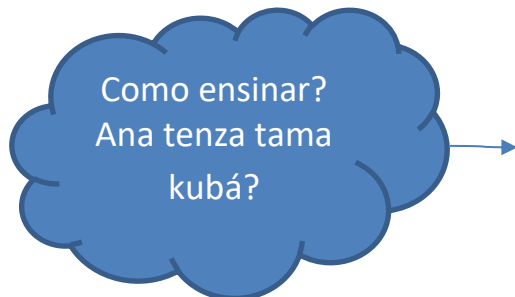
<sup>7</sup> Disponível em:

[https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo\\_noticia/31340\\_20150813\\_135356.pdf](https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/31340_20150813_135356.pdf)

Acesso em: 20 dez. 2020.



A próxima pergunta é como ensinar? Seleccionamos algumas ideias do livro Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996):

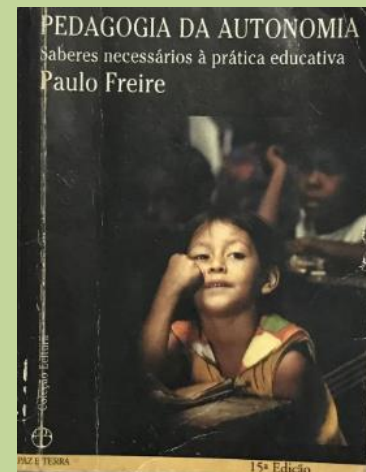


**Para ler e refletir:**

“ Ensinar não é transferir conhecimento, mas **criar as possibilidades** para a sua produção ou a sua construção.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. ”

Paulo Freire



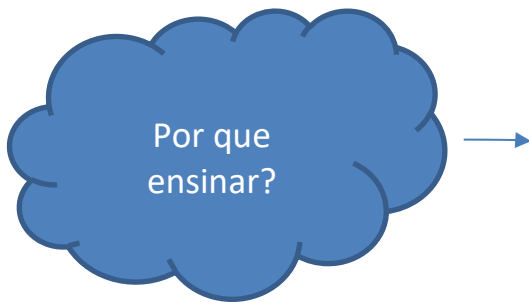
**Podemos ensinar de várias formas:**

- explicando um assunto na lousa (aula expositiva);
- propondo trabalhos para as crianças em pequenos grupos;
- Atividades individuais;

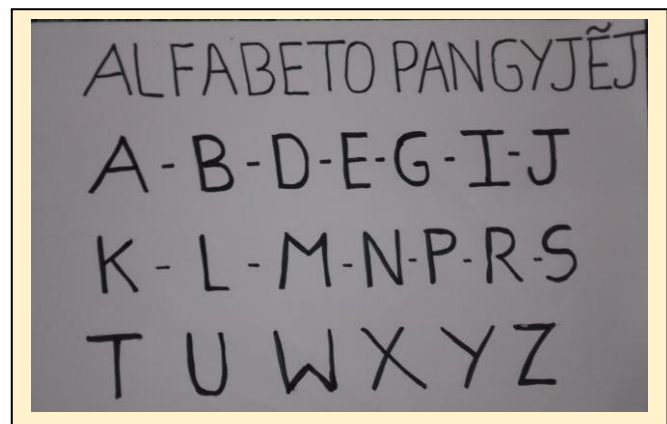
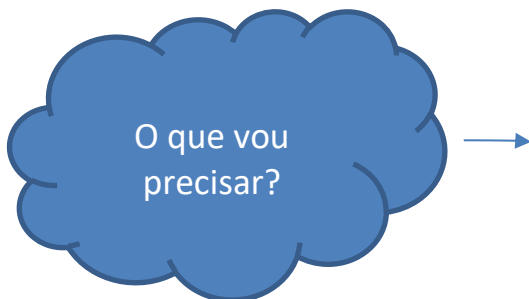
<sup>8</sup> Disponível em: [https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo\\_noticia/31322\\_20150811\\_123154.pdf](https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/31322_20150811_123154.pdf)  
Acesso em: 20 dez. 2020.

A pergunta porque ensinar tem relação com as finalidades e os princípios da Educação. Ensinamos porque todas as pessoas têm direito à Educação.

Ensinamos sobre o Decreto nº 265 de outubro de 1991 porque entendemos que é importante os estudantes saberem deste documento, sua importância e a necessidade de continuar defendendo o território.

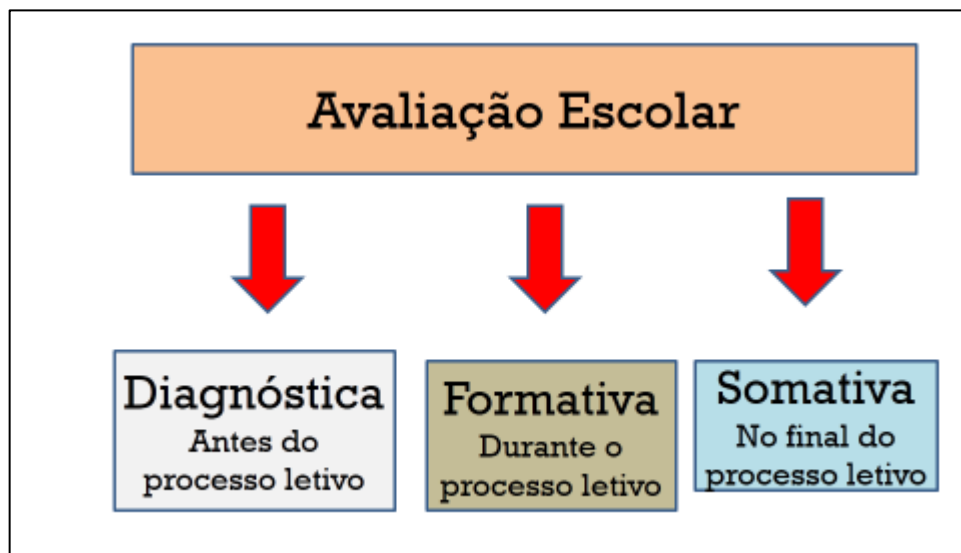
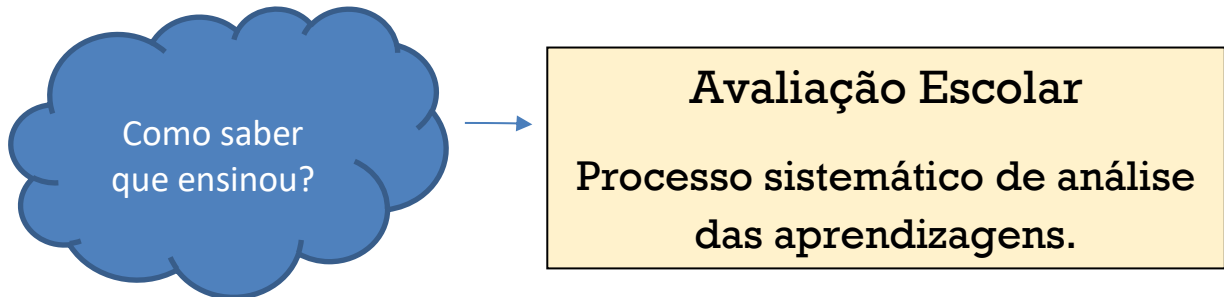


Ensinamos sobre o Decreto nº 265 de outubro de 1991 porque entendemos que é importante os estudantes saberem deste documento, sua importância e a necessidade de continuar defendendo o território.



- **Recursos didáticos** - são todos os materiais necessários ao desenvolvimento das aulas e que irão auxiliar o processo aprendizagem, tais como:
- recursos naturais - aula ao ar livre;
  - recursos básicos - lousa, apagador, pincel, cartaz, etc.
  - recursos tecnológicos digitais - internet, lousa digital, tablet, computador, celular, etc.
  - recursos culturais - jenipapo para pintura corporal e outros.

A última pergunta porque ensinar tem relação com as finalidades e os princípios da Educação. Ensinamos porque todas as pessoas têm direito à Educação. Ensinamos sobre o Decreto nº 265 de outubro de 1991 porque entendemos que é importante os estudantes saberem deste documento, sua importância e a necessidade de continuar defendendo o território.



**Para ler e refletir:**

“A avaliação da escola indígena, assim, deve ser construída, como em toda escola com base no diálogo e na busca de soluções. [...] sempre de acordo com o projeto pedagógico que se tem. [...] a postura avaliativa e planejamento didático do professor deve ser constante: ele deve poder analisar não só a dinâmica do desenvolvimento do próprio grupo de alunos, como o desempenho de cada aluno em particular, com vista a subsidiar o planejamento de suas intervenções. (BRASIL, 1998, p. 71).

Respondemos as perguntas que nos ajudam a pensar o planejamento escolar, ou seja o que vamos desenvolver em nosso trabalho. Esta rotina de pensar e escrever como a aula será realizada é uma atividade formativa que contribui para construir a nossa identidade docente.

**Para ler e refletir:**

“Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação sociais da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. [...]. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias, constrói-se, também, pelo significado que cada professor [...]”. (PIMENTA, 1997, p. 7).

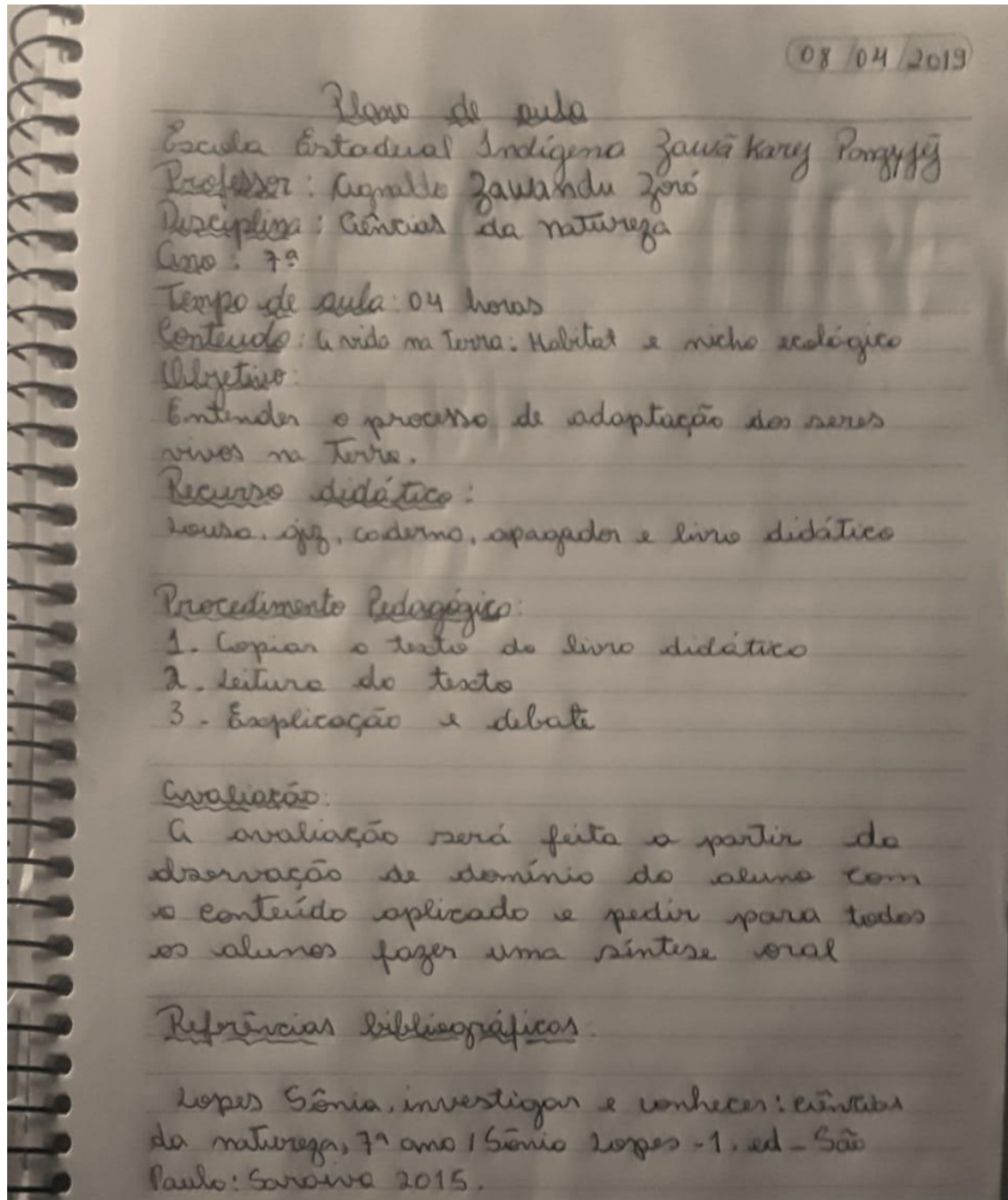
Na construção da identidade docente é preciso estudar as teorias para ampliarmos nossos conhecimentos. Uma delas é a compreensão da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) elaborada pelo cientista russo Lev Vigotski para explicar como acontece a aprendizagem. Exemplo: se uma criança sabe dizer o nome de sua aldeia este conhecimento oral pode ajudar a avançar para a escrita com a mediação da docência indígena:



**Para ler e refletir:** “Espera-se, pois, [que o professor] mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (PIMENTA, 1997, p. 6).

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, v. 3, set., p. 5-14, 1997.

Leia o Plano de Aula abaixo e imagine como esta aula poderá acontecer:



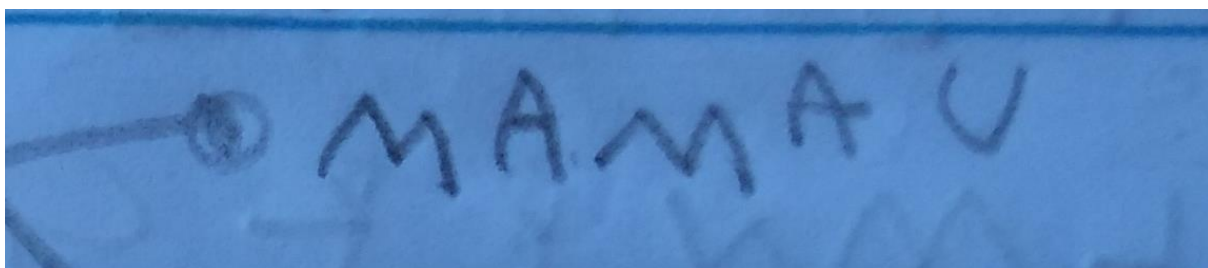
Este plano de aula é de um professor Zoró. Para Paulo Freire uma formação continuada de qualidade é aquela que é pensada e realizada a partir de elementos do próprio trabalho pedagógico do grupo: se chama **tematização da prática**. É um jeito de refletir sobre a prática pedagógica.

**Para ler e refletir:** “A tematização da prática se opõe à tradicional visão aplicacionista da formação de professores [e professoras], que oferece a eles um corpo de ideias e teorias para aplicar em sala de aula. “Tematizar é fazer com que o professor seja capaz de desentranhar as teorias que guiam a prática pedagógica real”. Telma Weisz – Revista Nova Escola.

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1933/a-tematizacao-da-pratica#:~:text=A%20tematiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20pr%C3%A1tica%20se.pedag%C3%B3gica%20real%22%2C%20diz%20Telma.>

Tematizar a prática pedagógica é reexaminar aquilo que fazemos em sala de aula através de análises de materiais que usamos como cartazes, livros didáticos, planos de aulas, cadernos escolares, por exemplo.

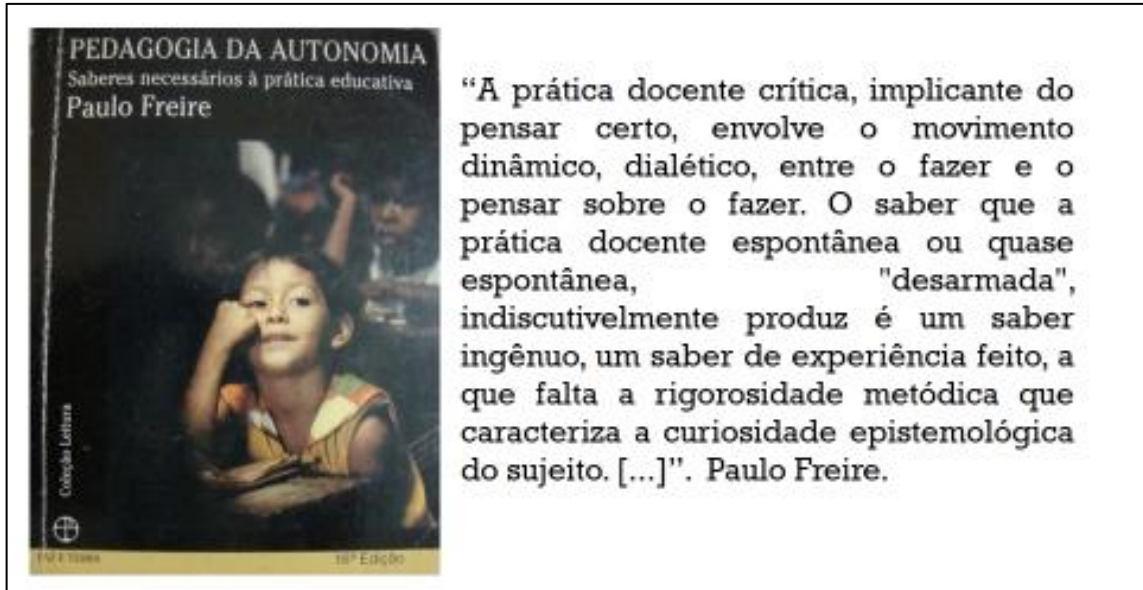
Esta é a imagem de um caderno escolar de uma criança Zoró. A escrita de ‘mamão’ foi feita assim “mamau”. Como podemos transformar esta situação em um tema de análise para aperfeiçoar a prática pedagógica?



É necessário compreender que as crianças durante certo tempo escrevem da forma como falam. É importante conversar com elas que na língua portuguesa geralmente falamos de um jeito e escrevemos de outro. Exemplo: em alguns lugares do Brasil falamos “mininu” mas escrevemos convencionalmente “menino”.

Esse conhecimento é importante para orientar o professor ou professora na hora da correção de atividades nos cadernos. É preciso pensar sobre o que aconteceu e não simplesmente dizer que a criança errou. Situações assim são chamadas de **Erro Construtivo**.

**Para ler e refletir:** “[...] as soluções ‘erradas’ apresentadas pelos alunos e alunas, permitem ao docente perceber a forma como a criança pensa. [...]. Diante do ‘erro’ observado nas atividades o interesse construtivista não é simplesmente apontá-lo, ou mesmo marcá-lo com caneta vermelha, mas sobretudo, estudá-lo, descobrir suas razões. O construtivismo aposta que a investigação do processo de aprendizagem é mais produtiva do que a mera observação de seu resultado”. (NEVES, 2006, p. 5).



Todo planejamento expressa os seus objetivos tanto aqueles mais amplos como os mais específicos na perspectiva de quem aprende:

<p><b>Objetivo Geral</b></p> <p>Estudar a língua materna envolvendo a relação oralidade e escrita.</p> <p><b>Objetivos Específicos</b></p> <p>Recontar histórias conhecidas; Produzir listas de nomes de animais na língua Panyjeje da Terra Indígena Zoró Pintar e dizer o nomes das letras iniciais maiúsculas em nomes próprios de pessoas conhecidas</p>
--

Esta é uma outra forma de planejamento que envolve um período maior de tempo: pode durar uma semana, um bimestre ou um semestre:

MATRIZ CURRICULAR – Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental – 2º Ano		
OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDOS
Estudar a língua materna enfatizando a oralidade e, ao mesmo, inserindo elementos da escrita e da leitura.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recontar histórias conhecidas, recuperando características da linguagem do texto original.</li> <li>- Apreciar textos literários na Língua Panyjeje.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades de linguagem oral como: contar e interpretar histórias, relatar fatos, transmitir recados, dentre outras.</li> <li>- Leitura e interpretação de textos escritos em Língua Panyjeje.</li> <li>- Escrever em Língua Panyjeje histórias da cultura Zoró,</li> </ul>

### 3. RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL

Para pensar a ressignificação cultural que é a atualização e readequação de nossos conhecimentos culturais propomos o trabalho com o Calendário tradicional do Povo Zoró. Entendemos que a partir deste material podemos trabalhar mais a língua indígena através de músicas das festas e os seus nomes. Para os números, podemos fazer a contagem dos dias, quantidade de participantes da festa. Para a astronomia, podemos mostrar o período da plantação e os produtos da festa, cultivo das plantações e vários outros conteúdos que podem ser trabalhado em uma única atividade.



#### Tipos de calendário

*Mawe mia basep pup sande mene.*

*Basep pup mã etigi te ibalé sali kiná mene we male nã, majaj manká paliri tamatup kuja, entigi mejawulua lia menená, ena man na basep pup mena etigia.*

Este tipo de atividade envolve a interdisciplinaridade e os elementos da cultura do dia a dia das crianças Zoró, como os elementos da natureza, as plantas e os animais.

#### Para ler e refletir:

“As atividades que o aluno [e a aluna] faz ao longo do ano, escrevendo e desenhando contando histórias, de forma individual ou em grupo, servem para o professor e os alunos analisarem e refletirem sobre o processo educativo, mostrando os avanços e os problemas e indicando as mudanças necessárias para melhorar ainda mais as relações do ensinar e aprender”.

(BRASIL, 1998, p. 72).



## SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### TERRA INDÍGENA ZORÓ – ALDEIA ANGUJ TAPUA ESCOLA ZAWÃ KAREJ PANGYJEJ

**DOCENTE:**

**DATA:**

**DURAÇÃO:**

**TEMA:** Calendário Tradicional Zoró

**COMPONENTES CURRICULARES RELACIONADOS:** Língua Indígena Zoró, Língua Portuguesa, Ciências, Arte e Matemática.

**ANOS:** 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental



### *Calendário Tradicional Zoró*

#### **Objetivos**

- Valorização da cultura da tradição Zoró Pangyjej.
- Conhecer o Calendário tradicional Zoró.
- Ouvir as narrativas do mestre da cultura Manoel Zoró sobre a organização do tempo no contexto das festas tradicionais: *zagapui*, *gojanej*, animal de criação, festa dos animais pequenos.
- Exercitar a oralidade na Língua Zoró por meio de perguntas ao mestre da cultura Manuel Zoró sobre possíveis dúvidas;
- Desenhar a parte da narrativa que mais gostou;

- Ampliar os conhecimentos sobre o sistema de escrita bilíngue (Língua Zoró e Língua Portuguesa) a partir de: listas de nomes das narrativas; produção espontânea de texto referente a festa que mais gostou; retirar palavras do texto (substantivo; adjetivo e verbo); escrever a contagem dos números naturais de acordo com a marcação dos calendários;
- Realizar a leitura em voz alta do texto produzido a partir da fala do mestre da cultura.
- Retomar o trabalho de aprendizagem da tradição Zoró no Bekã por meio de oficina com o Mestre da Cultura confeccionando o calendário das sessões utilizando a palha do babaçu.
- Ouvir a explicação do Mestre da Cultura sobre o Bekã, as festas e seus significados.
- Fazer a confecção do calendário tradicional das sessões de aulas.
- Fazer exposição dos calendários produzidos pelos estudantes para a comunidade, explicando o processo de ressignificação cultural (antes eram as festas, agora a sessão de aulas da escola).
- Fazer uso de recursos tecnológicos, registrando as atividades no Bekã por meio de imagens e audiovisuais.

**Conteúdos:** Etnoconhecimentos; Linguagem oral e escrita; Substantivo; Adjetivo; Números naturais;

**Materiais necessários:** palha de babaçu, aparelhos celulares, folhas de papel sulfite e lápis de cor.

### **Desenvolvimento das atividades**

#### **1ª etapa**

- Comece a atividade conversando com as crianças que todas as sociedades têm formas diferentes de viver e organizar seus modos de vida. Com o Povo Zoró não é diferente. Antes do contato com o branco já tinham seu calendário que permitia planejar o tempo em que aconteceria as festas.

#### **2ª etapa**

- Conforme combinação prévia com o mestre da cultura Manoel Zoró, informe aos estudantes que conhecerão e aprenderão sobre a organização do tempo, o

calendário tradicional Zoró, no contexto das festas tradicionais: zagapui, gojanej, animal de criação, festa dos animais pequenos:

### 3ª etapa

- Narrativa do mestre da cultura Manoel Zoró sobre o calendário tradicional Zoró.
- Solicitar as crianças que façam perguntas ao mestre sobre possíveis dúvidas a respeito do Calendário;
- Agradecer a presença do mestre da cultura Manuel Zoró sobre a palestra realizada e agendar o trabalho no Bekã;

### 5ª etapa

- Organizar as atividades de acordo com o nível de conhecimento das turmas assegurando o caráter interdisciplinar e intercultural:

<b>Atividades</b>	<b>1º ano</b>	<b>2º ano</b>	<b>3º ano</b>	<b>4º ano</b>
Desenho da parte da narrativa que mais gostou	X	X	X	X
Escrita de listas de nomes das festas	X	X	-	-
Produção espontânea de texto referente a festa que mais gostou (Língua Zoró)	-	-	X	X
Retirar palavras do texto (substantivo)	3	4	7	9
Retirar palavras do texto (adjetivo)	-	-	6	9
Retirar palavras do texto (verbo)	-	-	6	9
Escrever os números naturais de acordo com a marcação dos calendários (Língua Zoró).	X	X		
Escrever a contagem dos números naturais de acordo com a marcação dos calendários (Língua Zoró).			X	X
Leitura em voz alta do texto produzido a partir da fala do mestre da cultura.	X	X	X	X
Ouvir a narrativa do Mestre da Cultura sobre o Bekã, as festas e seus significados.	X	X	X	X
Confeccionar o calendário das sessões utilizando a palha do babaçu sob orientação do sabedor.	X	X	X	X
Fazer exposição dos calendários produzidos pelos estudantes para a comunidade, explicando o processo de resignificação cultural (antes eram as festas, agora a sessão de aulas da escola).	X	X	X	X
Fazer uso de recursos tecnológicos, registrando as atividades no Bekã por			X	X

meio de imagens e audiovisuais.				
---------------------------------	--	--	--	--

### **Avaliação**

Será feita no decorrer do processo por meio da observação considerando: a participação dos estudantes nas atividades.

### **Para saber mais sobre o Calendário Zoró:**



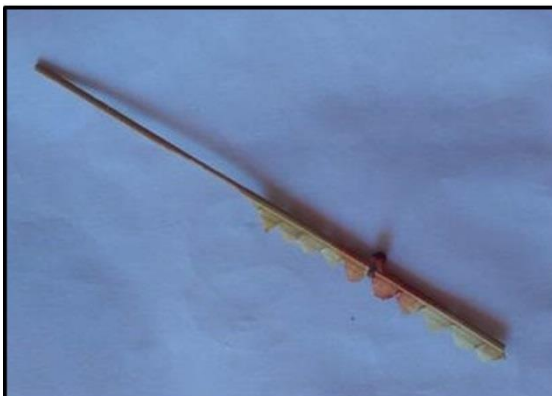
#### **Festa do Zagapuj**

O calendário tradicional zoró era feito para organizar o tempo das festas. Cada uma tinha um tempo diferente, por exemplo a festa do Zagapuj segundo os mais velhos levava 22 dias (correspondente a cada pedaço da palha) para sua realização. O barbante representava a marcação das visitas.



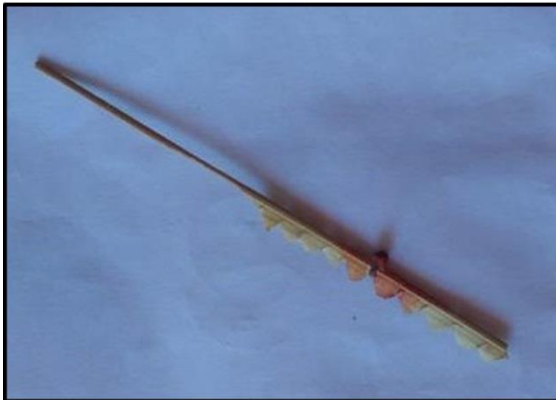
#### **Zaga pujej**

Zaga pujej na mene mã Pangyjej ibalé na, terena tama we djande awane mene ká, we puj tere nã we mã etigia, ena mene ka basepup puj mã ewe kaja.



#### **Festa da matança dos pequenos animais**

Cada tipo de festa era feito calendário conforme quantidade de dias para preparação da festa.



### Guwej abi

Guwej abi mã pyrywa mene na té ibalé ná, am basepup atu terem ã jiwe kaja. Pu ej xig abi nã we mena, wakuj ki alime ki basaj kyp kia māj abi nã jiwe mená.

Construir um ambiente estimulante para acolher nas **escolas** os professores iniciantes.

Assumir a responsabilidade **colectiva** dos professores pela integração dos colegas mais jovens.



**Esta foi a nossa proposta para que a docência Panyjeje possa usar como fonte de pesquisa para entender um pouco mais o sentido de ser professor e professora nas escolas da Terra Indígena Zoró.**

**Bom trabalho!!!  
Agnaldo Zawandu Zoró.**